



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ROSA LUIZELLI

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-657

Entrevistada: Rosa Luizelli

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Casa da entrevistada em Porto Alegre/RS

Entrevistadoras: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 26/11/2015

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Total de gravação: 17 minutos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner.

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação com o esporte; Início da trajetória esportiva de Eduarda Luizelli (Duda); Momentos marcantes da carreira esportiva de Eduarda Luizelli; Pontos fundamentais da trajetória esportiva de Eduarda Luizelli; Início da Escola da Duda; Apoio da família para carreira esportiva de Eduarda Luizelli.

Porto Alegre, 26 de novembro de 2015. Entrevista com Rosa Luizelli a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Primeiro eu gostaria de lhe agradecer por estar cedendo um pouco do seu tempo para esta entrevista. E começar perguntando qual a sua relação com o esporte? Praticou algum esporte, ainda pratica?

R.L. – Sempre gostei de esporte e sempre pratiquei esporte, e agora de uns anos para cá que eu ando com outras ocupações que me tiraram um pouco das atividades esportivas, mas eu sempre pratiquei esporte a minha vida inteira. Acho muito saudável o esporte, além disso, eu acho importante tu fazer o que tu gosta também até para tua vida. Era uma coisa que eu gostava de fazer.

S.R. – Quais eram os esportes que a senhora praticava?

R.L. – No colégio a gente jogava vôlei, mais era vôlei. Depois eu passei... Eu gostava muito de jogar futebol, mas jogava com o meu irmão só, porque naquela época nem podia se falar em menina jogando futebol, a gente jogava futebol, mas só entre quatro paredes [risos].

S.R. – Era proibido naquela época.

R.L. – Era proibido, era feio então nem podia se falar. Fui sempre uma pessoa muito ativa

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹

S.R. – Então a senhora jogava futebol...

R.L. – Só com o meu irmão, o meu irmão gostava, mas assim, mais era vôlei na escola, handebol que a gente jogava na escola que eram os esportes que deixavam a gente fazer

¹ Eduarda Marranghelo Luizelli (Duda) filha da entrevistada entra pela sala trazendo cafés.

como menina, porque naquela época os colégios ainda eram separados, meninas com meninas, meninos com meninos. Quando tu chegava ao ensino médio era separado, não podia mais ser junto.

S.R. – Todas as matérias ou só a Educação Física?

R.L. – Todas as matérias, os colégios eram específicos do ensino médio, masculinos ou femininos.

S.R. – A senhora lembra como a Duda iniciou e se inseriu nos esportes?

R.L. – Primeiro nós fomos vizinhos do Valdomiro², eles não tinham filhos e adoravam crianças, ela estava tentando ter e não tinha, e se apegaram muito na Eduarda³, levavam a Eduarda pra lá, Eduarda para cá, e ele sempre mexendo com bola e a Eduarda começou a brincar de bola com ele e surgiu a paixão nela pela bola.

S.R. – A partir de vocês que ela começou a treinar no Inter?

R.L. – Sim. Assim, ela se virava, conseguia contatos não sei como, mas ela conseguia: “Vou jogar lá, vou jogar lá”, mas nós sempre acompanhávamos porque naquela época era um negócio muito difícil. Eu não podia deixar uma menina de treze, quatorze anos, quinze depois, solta, não tinha como deixar, ainda mais em um meio que tinha muito homem, então, nós cuidávamos muito desta parte, a gente se revezava, quando eu podia eu ia, quando eu não podia o Eduardo⁴ ia. Por termos comércio próprio conseguíamos fazer isto. Então a gente se revezava, sempre acompanhamos ela. Nas primeiras vezes que ela foi, quando ela foi para Seleção que ela teve que ir sem a gente.

S.R. – A senhora lembra quando foi isso?

R.L. – Eu não lembro.

² Valdomiro Vaz Franco.

³ Eduarda Marranghello Luizelli.

⁴ Eduardo Sétimo Luizelli.

S.R. – Quantos anos ela tinha?

R.L. – A não lembro mais agora. Eu sei que ela passou um natal fora com a Seleção. Ela teve que treinar lá na Granja⁵ e ela foi sem a gente.

S.R. – E como foi para vocês esta situação?

R.L. – Para mim foi tranquilo porque naquela época eu era mantenedora de uma escola, então eu tinha uma psicóloga que me ajudava na escola, e de vez em quando eu pedia uma ajuda para ela, para ver o que eu fazia, o que eu podia fazer, o que eu não podia fazer e eu estava tranquila, eu fiquei tranquila. Porque a cabeça dela estava feita, eu não precisava me preocupar, eu tinha que deixar ela ver as coisas que aconteciam em volta dela, enfrentar.

S.R. – E ela praticou algum outro esporte a não ser o futebol?

R.L. – Sim, ela foi convidada para jogar vôlei na Sogipa⁶ se não é engano. Nós levamos algumas vezes, mas depois ela desistiu disse que era o futebol que ela queria.

S.R. – E quando ela decidiu e optou por jogar somente futebol, como foi a reação de vocês?

R.L. – Nunca me importei, sempre achei importante fazer o que gosta, tu sempre te preocupa: “Será que tem alguma coisa da parte profissional que vai dar certo? Que vai dar que não vai dar”. Mas acho que no final ela tinha tanta paixão que ela foi fazendo... Foi contatando as pessoas, foi tendo conhecimento com as pessoas, com rádio, com TV já e aí ela começou a crescer nessa parte do futebol, todo mundo começou a conhecer a Eduarda, tanto que no bairro eu não era conhecida como mãe da Eduarda Luizelli, era conhecida como a menina de rabo que jogava bola, de rabo de cavalo que jogava bola.

S.R. – Que legal!

⁵ Granja Comary.

⁶ Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

R.L. – Ela menina e outros meninos, ainda outro dia eu encontrei um rapaz, hoje é pai, tem filhos e tudo e ele disse assim: “Eu me lembro, batia lá na campainha dela e a gente chamava ela quando ela chegava do colégio para jogar bola”.

S.R. – A Duda falou isso.

R.L. – E eles chamavam por ela, e ela sempre estava no meio. Aí depois quando ela fez a faculdade ela teve que fazer umas horas de aula, ela foi professora de tênis... Ela jogou tênis também, chegou a disputar alguns campeonatos e tudo, mas ela... Não sei, a paixão dela não era tênis, não era vôlei, era o futebol. Então ela não conseguia se dedicar inteiramente aquilo ali, eu acho que ai não ia dar certo, e aí que a gente deixou, não adianta forçar uma coisa que não está conseguindo. Aí ela deu aula de tênis.

S.R. – Naquela época em que ela iniciou, era uma época em que o futebol feminino não estava bem consolidado, não era profissional. Mas vocês vislumbravam nela um profissionalismo e acreditavam que ela fosse se tornar uma jogadora de futebol profissional, que ganhasse dinheiro com aquilo? Como era essa questão do futuro da Duda com o futebol para vocês?

R.L. – É que era uma paixão tão grande dela que a gente não tinha como dizer não faz. Aí ela se formou, ela tentou ir para os Estados Unidos e não deu certo, aí ela foi para... Porque ela foi uma boa aluna na parte da Educação Física, sempre muito atuante, e a diretora disse que ia ver se conseguia uma bolsa para ela ir para Califórnia, mas como ela não foi para Califórnia, ela conseguiu por meios de... Ela mesmo que foi buscando os meios dela e contatou o pessoal da Itália, foi para Itália e ficou na Itália, quando ela voltou da Itália ela falou: “Está na hora de eu ir embora”. Já tinha passado pela Seleção, já tinha ido para Itália, ela voltou e disse: “Agora está na hora de eu fazer minhas coisas”. Aí ela começou a montar as escolinhas.

S.R. – Voltando um pouquinho, essa ida para Itália como foi para vocês? Porque é outro país, não é daqui até Carlos Barbosa⁷, por exemplo.

⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul.

R.L. – Não é, mas nós estávamos tranquilos, primeiro que ela deu um jeito de levar o Renato⁸ junto. E lá, primeiro ela foi para um apartamento de uns conhecidos nossos da vez que ela foi. Ela ficou acho que uns dois meses lá, uns dois, três meses, depois ela saiu de Milão. Depois ela já foi para Verona e aí ela se ambientou e o “Camarão” também se ambientou. O “Camarão” ainda tinha que sair do país e voltar, mas em seguida fizeram a cidadania dela, precisavam dela, da cidadania. Fizeram a cidadania dela lá, porque nós estamos em andamento aqui, mas até hoje... Agora as gurias tem, a Gabriela fez lá fora porque precisava também e a gente não, ou a gente vai para lá para fazer ou a gente espera sair por aqui.

S.R. – Então no retorno da Itália ela veio decidida a montar um negócio?

R.L. – Montar uma coisa para ela, decidida a montar.

S.R. – E essa idéia da escolinha dentro do Inter, como surgiu?

R.L. – Porque a paixão pelo Inter. Mas assim, o que ela viu muito lá fora é que lá começa nas categorias de base. Então ela via os pais, aquelas crianças pequenas, aquela paixão sabe? E os pais, desde pequenos umas torcidas organizadas bonitas, os pais torcendo. Isso incentivou ela de fazer isto aqui, porque aqui não existia. Então ela começou.

S.R. – E a busca por recursos? Apoio da direção? Como foi? Ela fez sozinha?

R.L. – Fez! Tudo sozinha. Ela pedia: “Mãe, vai comigo, me acompanha”, mas ela sabia o que ela queria, sabia o que tinha que dizer, sabia o que queria, na época até contratamos um advogado para auxiliar em contrato, coisas assim. Mas também ela tocou sozinha.

S.R. – E vocês acompanhavam os jogos? Como era?

R.L. – Sempre que dava, naquela época era muito precário, não tinha como hoje, tu assiste pela internet um jogo. Então muitas vezes quando ela ia lá para Seleção era um desespero

⁸ Renato Lopes (Camarão), marido da Duda.

porque não passava aqui, então a gente não conseguia. Na época que ela foi para seleção que foi dezembro, janeiro e fevereiro era muito difícil, porque não tinha como ver, eu só ficava sabendo alguma coisa.

S.R. – A partir dela lá?

R.L. – É, a partir dela.

S.R. – E os jogos aqui do Inter? Os campeonatos, as viagens?

R.L. – Sim, sempre que a gente podia a gente ia, mas as viagens muitas vezes ela ia sozinha, já estava tranqüila quanto a isso e ela ia sozinha.

S.R. – E na época que ela começou com trezes, quatorze anos?

R.L. – A gente ia junto.

S.R. – Acompanhavam. E como eram os jogos? A senhora lembra?

R.L. – Havia bastante torcida assim dos pais, tinham pais também, bastante gente. A gente tinha uma torcida muito boa, eu lembro quando ela disputou o Gauchão⁹ que chamou muita atenção da imprensa, fez um programa com o Britto¹⁰ aí ela deslanchou. E ela era muito comunicativa e isso ajudou muito porque hoje tem portas abertas para ela na imprensa.

S.R. – E logo depois que ela montou e escolinha surgiu a equipe adulta do Inter, na qual ela fazia parte também. A senhora lembra como foi esse processo? O surgimento da equipe?

R.L. – Eu só acompanhava ela dizendo: “Tá difícil mãe, tá difícil. Tá difícil arrumar patrocinador, tá difícil”, mas ela quer, ela quer. Sempre vai buscar, ela sempre acha assim,

⁹ Campeonato Gaúcho de Futebol.

¹⁰ Paulo Britto.

quando fecha uma porta abre uma outra, sempre teve muito assim... Ela enxerga, parece, que longe, não se deixa recair com uma caidinha, ou um tombo, alguém que dá uma rasteira ela não se deixa... Acho que é pura paixão pelo que ela faz.

S.R. – Para a senhora qual foi o momento mais marcante da carreira dela?

R.L. – Foi quando uma vez ela estava na Itália, ela ficou lá, a não ser assim quando ela despontou também foi um momento marcante, mas quando ela foi para a Itália que depois eles pediram para ela voltar, que ela teve que voltar, que estava muito difícil chegar em casa, chegar em casa e não ter ninguém para conversar, e eu disse para ela: “Se é o que tu quer, conversa com o fogão, conversa com a frigider, faz de conta que é uma pessoa, fala sozinha, mas fala, bota para fora”. Porque ainda não tinha esta coisa de tu entrar no *Skype*.

S.R. – Sim! Não havia tanta tecnologia.

R.L. – A Gabriela¹¹ quando foi para a Itália, eu falava com ela sempre pelo *Skype*. Já era bem diferente. Quando ela foi não. Tanto que depois eu fui, as gurias também, a Juliana¹² também. Depois eu fui com a Gabriela pequeninha, a Gabriela já tinha uns oito anos eu fui para lá, ela foi, retornou e eu fui com a Gabriela de novo e voltei. Voltei com as malas, tudo dela, como ela estava retornando. Mas foi tudo tranquilo. Mas foi bem marcante, dela ficar e dela conseguir, porque era tão forte a vontade que ela conseguiu.

S.R. – A senhora falou da Gabi agora. A Gabi foi levada para o futebol mais ou menos como a Duda, a partir da Duda?

R.L. – Sim, porque a diferença delas é grande. A diferença delas é de dezoito anos. Então praticamente, vamos dizer, a minha diferença para Eduarda é vinte anos. Eu tive a Eduarda com vinte. Então é como uma filha para ela. E aquela função de mulher, dela levar uma menina foi muito forte. E ela foi formando aquela equipe com as meninas, tanto é que vocês cresceram juntas naquela época.

¹¹ Gabriela Marranghello Luizelli.

¹² Juliana Marranghello Luizelli,

S.R. – E de certa forma a Gabi tentou seguir os passos da Duda?

R.L. – Acho que os passos dela não, mas era uma coisa que incomodava quando diziam assim: “Porque é irmã da Duda”, e ficavam esperando muito. Acho que não, ela se fez por coisas dela, por mérito dela. Mas é uma paixão.

S.R. – Na sua opinião, como era a aceitação do público ou da torcida em relação a Duda?

R.L. – A torcida sempre apoiou ela, nunca vi uma torcida contra ela.

S.R. – Tem alguma outra coisa que eu não lhe perguntei que a senhora gostaria de falar.

R.L. – Acho que não.

S.R. – Algum destaque, algum jogo marcante?

R.L. – Não, não.

S.R. – Ao que se deve o sucesso da Duda hoje, na sua opinião?

R.L. – Eu acho que é porque ela se dedica de corpo e alma, é uma coisa que ela gosta, principalmente porque gosta, ela faz o que gosta. Acredita no que faz, porque tu precisa acreditar também, não adianta fazer o que gosta e não acreditar no que faz. Ela sempre acredita e sempre vê alguma coisa mais adiante, acho que isso é muito importante.

S.R. – Ta certo. Muito obrigada, mais uma vez.

[FINAL DA ENTREVISTA]